

## HÁ FALTA DE “PALAVRA” NO PÚLPITO DAS IGREJAS

---



"'Está chegando o tempo', diz o SENHOR Soberano, 'em que enviarei fome sobre a terra, não fome de pão nem sede de água, mas de ouvir as palavras do SENHOR. As pessoas andarão sem rumo, de mar em mar e de um extremo ao outro, em busca da palavra do SENHOR, mas não a encontrarão'." (Amós 8.11-12 – Nova Versão Transformadora)

No texto bíblico acima, Deus usa o profeta Amós para proferir juízo contra a nação de Israel. A

razão era a apatia espiritual do povo, que não tinha apetite pela Palavra de Deus transmitida pelos profetas. Como parte do juízo divino motivado pelo desinteresse dos israelitas, Deus eliminaria a oportunidade de ouvirem a Sua mensagem. Fome e seca eram dois dos castigos costumeiros utilizados por Deus contra Israel (cf. Amós 4.6-8). Dessa vez, porém, Mas se refere a um novo tipo de fome: aquela gerada pela ausência da Palavra de Deus. O intuito de Deus com esse novo tipo de fome é ensinar que a fonte da vida espiritual está na obediência a Yahweh, e não em *shows* religiosos vazios e inúteis. Essa profecia se cumpriu quando o povo, no cativeiro da Babilônia, desejou as palavras do SENHOR as quais havia desprezara no período de prosperidade.

Quando analisamos a passagem bíblica à luz dos nossos dias, vemos que a nossa situação é semelhante – ou talvez pior – daquela vivida nos dias de Amós. Por conta da rebeldia das pessoas em não se voltarem para Deus, por causa dos corações endurecidos diante dos princípios do Evangelho do Senhor Jesus, o que presenciamos hoje é uma geração de pessoas que se dizem cristãs, mas, possuem o coração totalmente cauterizado pelo engano e pela mentira que domina o mundo onde vivemos. Ignoram a vontade de Deus para a vida delas e falam, discutem sobre um Ser Divino com o qual não se relacionam como deveriam e, até mesmo, O desconhecem.

Atualmente a humanidade enfrenta uma fome espiritual generalizada. Nunca houve, como em nossos dias, tantas pessoas sofrendo com angústias e crises existenciais. Ao longo dos anos as famílias se tornaram cada vez mais desestruturadas. Muitas pessoas quando estão diante das chamadas “crises do ser”, já não sabem o que fazer. Por isso que, quando atingem o auge do desespero, elas voltam os olhos para a Igreja, na esperança de ouvir dela algo da parte de Deus que lhes dê ânimo e forças para continuar a jornada. Mas ao invés de ouvir palavras de refrigério e consolo para o coração ferido, muitas vezes o indivíduo que adentra em uma igreja evangélica corre o risco de sair de lá pior do que entrou. Isso por conta do grande número de pessoas despreparadas para assumir lugar tão importante

como o púlpito. São inúmeras as pessoas que assumem a tribuna sem se darem conta de que, quem ali estiver, deve ser porta-voz do Deus vivo e ministrar as Sagradas Escrituras de forma viva, poderosa e eficaz! Gente assim, ignora o fato de que **a pregação do Evangelho, em todas as esferas, tem que ser bíblica, cristocêntrica, viva, desafiadora, inquietante, profunda, amorosa e contextualizada. Púlpito não é lugar para palestras de autoajuda, positivismo, antropocentrismo, personalismo, universalismo, entretenimento ou passatempo.**

Nos dias atuais, em muitas igrejas, a pregação da Palavra deixou de ser **expositiva** para ser **discursiva**. Deixamos de pregar “a Palavra” e passamos a pregar “da Palavra”, isto é, falamos **da** Bíblia e não **através** dela. **Uma Bíblia aberta no púlpito não é garantia de que haverá uma exposição das Sagradas Escrituras. Assim como o simples fato de o pregador utilizar a Bíblia no momento da pregação, não torna o seu sermão bíblico.**

Há incalculável número de pregadores que produzem sermões enfadonhos. Munidos apenas de criatividade para contar historinhas cativantes, tais pessoas sobem ao púlpito com a pretensa intenção de pregar a Palavra de Deus. Na prática, porém, ao invés de manusearem a Bíblia fiel e eficazmente, simplesmente a usam para citar poucos versículos que servirão como desculpa para que eles estejam posicionados diante da congregação. Após a leitura rápida do texto que – pelo menos em tese – serviria de base para o sermão, o que vemos são festivais de incoerências, afirmações absurdas e fantasiosas, distorções grotescas do significado primário do texto bíblico e total falta de zelo e amor para com a Palavra de Deus e para com os inocentes ouvintes (alguns nem tanto) que estão ali, na esperança de ouvir algo que venha da parte de Deus para a vida deles. Aliás, a estes cabem apenas seguir a recomendação do Senhor Jesus e orar ao Senhor da colheita e pedir a ele que envie trabalhadores fiéis e verdadeiramente capacitados para seus campos (cf. Lucas 10:2b).

Atualmente, a igreja evangélica brasileira tem sido vítima de pregações que, na maioria das vezes, são sem sentido, sem vida, sem graça, composto em sua maior parte por ilustrações alegóricas ou baseadas em experiências subjetivas do pregador. Não sou contra a utilização de ilustrações ou de testemunhos pessoais durante o sermão. Mas **as ilustrações e os testemunhos pessoais devem iluminar o sermão, clarear as ideias do seu conteúdo, e não o fundamentar.**

Não raramente, os púlpitos têm sido ocupados por obreiros fracos – ainda que bem-intencionados. Como resultado de haver púlpitos “pobres” bíblica e teologicamente, o que vemos são conglomerados de igrejas “desnutridas” pela falta de uma sólida e fundamentada exposição da Palavra de Deus. **Precisamos nos alimentar mais das Escrituras do que de outras fontes, ainda que cristãs.** Como afirmou certa vez o pastor e escritor, Ciro Sanches Zibordi, “*nossa fonte de autoridade primacial é a Bíblia, e não a tradição. As Escrituras interpretam as Escrituras. A tradição e a própria teologia são úteis ao lado da Escritura, e não sobre ela*”.

Particularmente, não foram poucas as vezes em que, no momento do sermão, assim que o orador começou a falar foi possível pressentir a tragédia que viria em instantes e, momentos depois, comprovar que a suspeita estava certa. Tenho a plena certeza de que não fui o único a experimentar tal situação. Em vez de ouvir sermões bíblicos, em muitas ocasiões a comunidade se depara com *shows* pirotécnicos por parte do pregador. Para piorar, esses *shows* na maioria das vezes são alimentados e incentivados por meio de gritos como “Aleluia!” e “Glórias a Deus!” por parte dos mais incautos. Também não podemos deixar de fazer menção às diversas piadas proferidas no púlpito e que não possuem qualquer ligação com o objetivo do sermão ministrado. Não foi sem razão que o pastor batista britânico, Charles Spurgeon (1834-1892), comentou: “*Enquanto Roma queimava, Nero tocava música. Assim são alguns pregadores que, enquanto as almas se perdem, ficam falando coisas secundárias*”.

O mais espantoso disso tudo é que, aparentemente, os membros dessas igrejas se mostram incapazes de discernir sermões expositivos e bíblicamente embasados, de discurso vazios, alicerçados tão somente por boa oratória e performance teatral convincente. Para a maioria desses cristãos, tudo pode vir a ser considerado como “Palavra de Deus”, desde que possua certa eloquência verbal na exposição das ideias. Não importa se no sermão há apenas pressupostos equivocados, conceitos teológicos rasos ou adulterados, ou até mesmo dogmas herdados da tradição denominacional a que pertence o pregador. De acordo com o pastor batista Albert N. Martin, em seu livro ‘O que há de errado com a pregação de hoje?’, “*muito da pregação contemporânea é defeituosa porque **lhe falta sólida substância doutrinária. Sofremos de uma atitude mental que considera a doutrina e a teologia como variante do terror supersticioso da era medieval!***”. Ele ainda acrescenta que, “*o fracasso na pregação da atualidade depende basicamente, da falha do homem que prega ou da mensagem por ele apresentada. Não ousamos separar esse duplo fator – o indivíduo e a sua mensagem – porquanto há uma íntima fusão entre o homem e a sua mensagem na obra da pregação*”.

Em resumo, a pobreza da pregação em nossos dias, advém da falha do mensageiro no momento em que transmite a mensagem, ou da apatia e da falta de interesse por parte dos receptores da mesma mensagem. Nunca da Palavra de Deus, que é pura, perfeita e imutável. Os pregadores estão deixando de ser “oráculos” de Deus para se tornarem apenas em “profissionais do púlpito”. Mesmo com a Bíblia em mãos, são meros contadores de histórias que, deliberadamente ou não, usurpam o lugar dos verdadeiros propagadores do Evangelho do Senhor Jesus Cristo.

O que fazer diante dessa situação vexatória? A resposta é simples: **as igrejas devem ser mais criteriosas no que tange dar espaço para que alguém suba ao púlpito para ministrar a Palavra.** Esse imenso privilégio pertence apenas àqueles que foram verdadeiramente chamados por Deus para desempenhar tal função, e não simplesmente por causa de prefixos nominativos que seus nomes possam ou não carregar. Não se deve misturar amizade ou favorecimento político com o ministério

profético. O púlpito nunca deve servir com o propósito de se obter favores pessoais ou barganhar amizades com interesses secundários, ou simplesmente para agradar a maior parte dos membros da congregação.

Já os que se aventuram na arte da pregação e/ou ensino, devem questionar se de fato são chamados por Deus para tal finalidade. Muitos confundem **vocação** com **volição**. O simples fato de alguém ter o desejo de ministrar a Palavra diante de um auditório repleto de pessoas, não é suficiente para que tal pessoa possa fazê-lo. É preciso de capacitação especial que só é outorgada por Deus e não pode ser aprendida em livros. É uma prerrogativa da vontade Divina e não humana. Para aqueles que são realmente vocacionados, esse diferencial – que chamamos de vocação – está intrínseco na vida do ministro, faz parte de quem ele é em sua essência. Contudo, a vocação divina não isenta o pregador do árduo e contínuo processo de capacitação e aperfeiçoamento que se dá através de muito estudo e de uma vida devocional exemplar – algo raro em nossos dias.

Para minha tristeza – e certo espanto na época – um pastor de determinada denominação tradicional-histórica me disse certa vez não dispor de tempo ou interesse em estudar a Bíblia, consultar dicionários, comentários exegéticos e outras ferramentas de estudo bíblico antes de pregar. Para ele, era suficiente abrir a Bíblia em um texto aleatório e, após rápida leitura, expor diante da comunidade o que havia entendido sobre a passagem bíblica em questão. Outro pastor, da mesma denominação, afirmou sem qualquer constrangimento que não vê problema em ensinar algo errado para os membros de uma igreja, visto que ninguém tem a posse da verdade absoluta.

No Antigo Testamento, Deus enviou profetas a Israel para anunciar Suas palavras diretamente ao povo, mas os israelitas ordenaram que os profetas se calassem: *“Escolhi alguns de seus filhos para serem profetas e outros, para serem nazireus. Acaso podem negar isso, israelitas?”*, diz o SENHOR. *Mas vocês deram vinho para os nazireus beberem e ordenaram a seus profetas: ‘Chega de profecias!’*.” (Amós 2.11-12 – NVT). O desejo do povo foi atendido. O mesmo acontece em nossos dias pelo fato de desprezarmos a plena exposição das Sagradas Escrituras nos púlpitos de nossas igrejas e a substituímos por “discursos alternativos” proferidos por gente que não está à altura função que exerce. Por que há falta de Palavra no púlpito das igrejas? A resposta reside na constatação de que nos tornamos no público alvo das palavras do apóstolo Paulo à Timóteo, quando ele escreveu: *“Pois virá o tempo em que as pessoas já não escutarão o ensino verdadeiro. Seguirão os próprios desejos e buscarão mestres que lhes digam apenas aquilo que agrada seus ouvidos. Rejeitarão a verdade e correrão atrás de mitos”* (2Timóteo 4.3-4 – NVT).

Que Deus tenha misericórdia da Sua Igreja e que nós valorizemos as mensagens pregadas através do púlpito das nossas comunidades cristãs. Ao mesmo tempo, reivindicamos das pessoas que ali se posicionam, que elas sejam realmente vocacionadas e que estejam à altura da função a ser desempenhada naquele lugar. Que os pregadores voltem a ministrar o verdadeiro alimento espiritual

aos corações famintos pela exposição pura e simples da Palavra de Deus. Por fim, que a mensagem pregada não venha com apelos emocionais ou comportamentos muitas vezes irracionais ou bizarros, mas com conhecimento e entendimento, pois essa é a vontade de Deus: “*Eu lhes darei líderes segundo meu coração, que os guiarão com **conhecimento e entendimento***” (Jeremias 3.15 – NVT).

*Soli Deo Gloria.*